

O MUTIRÃO

PERIÓDICO ANARQUISTA

JAN/FEV

Nº 5

PELO FIM DAS CADEIAS

A Humanidade oprimida, a individualidade massacrada: a Nova Ordem capitalista internacional (leia-se "pax amerikkkana") mostra a sua face. Da Iugoslávia aos EUA, do Chile ao Timor Leste, todo o planeta esfacelado em fronteiras estatais vive o absolutismo e

a tirania, na forma da farsa democrática ou em franca ditadura.

Nã há nem mesmo padrões sociais de Humanidade. Embriagados no nacionalismo, os povos "justificam" todas as violências e atrocidades em prol da segurança e da estabilidade do Estado.

AFPIO FLU



Os exércitos de soldados profissionais, ex-homens sem rosto, sem consciência, adestrados no assassinato em massa, na tortura, na guerra, em nome de suas demências patrióticas, de suas ridículas bandeiras, dos seus senhores, marcham sobre a dignidade e a vida de seus próprios povos.

O capitalismo, nascido da exploração e mantido pela força, escancara debocadamente seus crimes, já sem maquiagens ideológicas ou populismos leninistas que o legitime. O planeta agoniza, vítima da insanidade desenvolvinista. A população, literalmente faminta, vive acorrentada na alienação imposta, na miséria cotidiana. Aos rebeldes restam as prisões, as grades sombrias, os cárceres superlotados, verdadeiros cemitérios de vivos, es-

condidos nos porões da sociedade.

O planeta se transformou numa grande cadeia. Acreditamos na liberdade e na igualdade social entre homens. Contra as grades do capitalismo, pelo fim dos governos. pelo fim

dos exércitos, pelo fim das cadeias que mantêm o ser humano prisioneiro de todas tiranias. Pela Vida, pela ANARQUIA.

AUTO-GESTÃO AGRÁRIA

Apesar do aparente conformismo, a sociedade vive hoje, sobretudo no campo, uma forte e potencialmente explosiva tensão.

O Movimento Camponês em geral, mas principalmente os sem-terra, de um lado, procuram desenvolver uma transformação radical da atual estrutura econômica, através da organização de comunidades coletivas e igualitárias, a partir da tomada dos latifúndios por ocupação direta.

Na comuna Conquista da Fronteira, interior de Santa Catarina, por exemplo, todo o trabalho é dividido por comissões, inclusive a área para morar no assentamento. O coletivo define o que vai ser plantado, onde, em que quantidade, como será utilizado o dinheiro, horário de trabalho e programações de lazer.

Mesmo nos improvisados e carentes acampamentos a organização é a marca do movimento. Existem grupos res-

ponsáveis pela saúde, pela educação e cuidado com as crianças, com a segurança coletiva e pelas questões jurídicas. É comum a comunidade assumir a produção agrícola de alguns membros, "liberados" para as atividades mais jurídicas e políticas, que envolvem permanentes idas à cidade e a outros acampamentos.

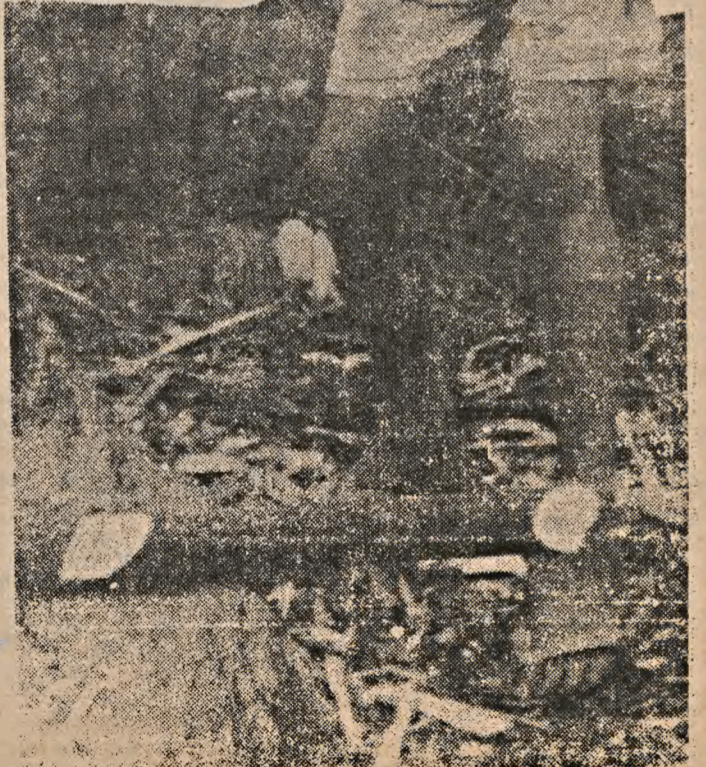
Do lado contrário, poderoso e militarizado, mas também decrépito e caótico, estão o sistema capitalista, a propriedade, o Estado, as Forças Armadas, os Bancos e todas as demais instituições autoritárias.

Segundo as declarações de um burocrata estatal, sobre a Usina de Alcool Cachoeira, "aquilo mais parece um campo de concentração", "É trabalho escravo mesmo. Uma coisa que fere todos os princípios do direito humano."

No dia 16 de outubro 350 cortadores de cana entraram em greve contras as péssimas condições em que vivem. O

trabalhador Cícero Caetano da Silva, 37 anos, levou um tiro na cabeça e morreu.

Os camponeses, na mais nua e crua luta pela sobrevivência - enquanto indivíduos e enquanto segmento social já se extinguindo nas regiões mais "desenvolvidas", procuram se organizar no simples e universal estatuto da solidariedade classista. Negam os valores e as leis da sociedade contemporânea, sustentam, apesar de tudo, alimentação desta sociedade, já que as maravilhas agroindustriais não produzem arroz e feijão, nem verduras ou legumes. Num cotidiano revolucionário, estes homens vão dando a resposta para os mais complexos paradigmas desta sociedade pós: a sonhada e urgente sociedade ecológica, a desalienação do trabalho, o socialismo sem parasitas, a superação do darwinismo social.



Os preços disparam. A exploração dos patões chega a um nível literalmente insuportável sobre a População cada vez mais faminta, doente, frágil e impotente.

A violência do Capitalismo atinge uma brutalidade tão cruel e desumana, que mesmo os mais alienados e passivos explorados começam a dar sinais de revolta. O número de crianças carentes nas ruas cresce a olhos vistos, a despeito da ação psicótica dos grupos de extermínio. Muitos idosos praticamente já não se alimentam. Os remédios custam vários meses de trabalho, isso quando ainda são encontrados à venda. Os homossexuais nunca foram tão perseguidos e mortos, diante da Opinião Pública Cínica e de jornais que os discriminam e ridicularizam. As explosões de brigas entre torcedores rivais ou "funkeiros" tornam-se cada vez mais bárbaras. Antigas epidemias como a cólera e a malária voltaram com toda força, juntando-se às mais recentes, como a AIDS.

O capitalismo não está em crise, ele é a crise, a causa dos males sociais, das injustiças, da violência. O Governo já gastou seu estoque de mentiras e farsas. O ministro do trabalho, R. Magri, é oficialmente um idiota, um bobo alegre. A ex-ministra Zélia de Melo diverte os magnatas com suas estórias pitorescas. O ministro da Fazenda declara publicamente que suas expectativas para a inflação são de que ela não deve crescer mais porque - vejam só! chegamos ao fundo do poço...

Governantes e patrões bebericam alegremente seus uísque enquanto assistem a desgraça de toda uma população. Os instrumentos de opressão continuam praticando uma verdadeira guerra civil, onde qualquer manifestação pública de insatisfação, ou mesmo simples pixações ininteligíveis são reprimidas com uma estupidez paranóica, desmedida. A violência policial sob a cumplicidade dos meios de comunicação é a fórmula de manter a "governabilidade e a ordem".

Já não há mais espaços para a indiferença. É tão gritante a covardia social que não existe absolvição por ignorância ou alienação. Todo aquele que não se lança a algum tipo de resistência ante o genocídio e então cúmplice e co-responsável.

A resistência nasce antes de tudo na revolta, na indignação ativa. Todos os atos contrários à violência sobre nossas vidas serão atos de legítima defesa pessoal ou coletiva. A ocupação de terras, o saque, a sabotagem e a greve são expressões de resistência organizada que precisam ser efetuadas numa perspectiva de mobilização insurrecional.

A resistência todavia é falha e dispersa, e deve ser antes de tudo o início da ofensiva. Colocar em cheque a desordem estatal, construir o processo revolucionário, popularizar a ambição coletiva pela riqueza social - terra, indústrias, serviços, conhecimento, cultura, praticar a solidariedade revolucionária, sonhar com a Anarquia aqui e agora...

Que o contraste entre nossos sonhos mais belos e esta guerra covarde que vivemos seja suficiente para nos revoltarmos apaixonadamente, pois o contrário da morte não é vida, é a paixão.

ESPERANTO IMPRENSA LIBERTÁRIA

O "ESPERANTO" é uma Língua Internacional planejada pelo Dr. Lázaro Luiz Zamenhof, para ser a única falada por cada cidadão fora de seu país e assim simplificar as comunicações entre os povos e impulsionar consideravelmente o progresso humano.

O "ESPERANTO" é a mais fácil de todas as línguas e seu fundamento gramatical se resume em apenas 16 regras sem exceção.

O Movimento Esperantista é dirigido mundialmente pela Associação Universal de Esperanto (UEA), sediada em Rotterdam, Holanda. A UEA pertence à UNESCO e à ONU, almejando-se em futuro que se deseja o mais próximo, a introdução do "ESPERANTO" em todas as escolas do mundo. Em dois países isso já acontece: a Hungria e a Bulgária.

O "ESPERANTO" é usado nas estradas de ferro de oito países na Europa: Itália, Dinamarca, Noruega, Polônia, Tcheco-Eslóvaquia, Hungria,

Bulgária, Iugoslávia. Ensinado em 125 Universidades, sendo 8 no Brasil: as do Pará, Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte, Juiz de Fora, Paraná, São Paulo (USP), Rio de Janeiro (UFRJ).

Divulgado em emissoras de rádio, de várias cidades como: Pequim, Varsóvia, Viena, Roma, Pecs, Berna, Zagreb, Rio de Janeiro, Sorocaba, Brasília.

Mais de 100 periódicos são publicados regularmente nesse idioma (jornais, revistas, semanários), e existem cerca de 200.000 livros (romances, obras científicas), além de milhares de prospectos turísticos.

Informações sobre o Esperanto: Tel: (021) 240-6119

Curso por Correspondência
Endereço: Esperanto - Caixa Postal 62615
CEP: 22257 - Rio de Janeiro - RJ
Tel (021)252-1457

Cursos de Esperanto para Crianças: Tel:(021) 273-3216 e 237-2211

COMUNIDADE NA SARDENHA AMEAÇADA DE DESPEJO

Formada por ativistas que dedicaram toda a sua vida à luta anti-fascista e anti-autoritária. A CAS (Collettività Anarchica di Solitarietà di Barrali) fica na Sardenha, uma ilha ao sul da Itália. Em seus mais de trinta anos de existência, a coletividade construiu infraestrutura, recuperou um terreno pedregoso semi-desértico fazendo-o produzir e possui uma biblioteca arquivo. Tornou-se um importante centro de difusão do anarquismo na Sardenha e no Mundo. No trabalho auto-gestionário colaboraram inúmeros ativistas exilados. É um importante exemplo da eficácia da auto-organização anárquica. A CAS conta hoje com uma produção auto-suficiente de porcos, galinhas, coelhos, patos,

abelhas, uvas e outras culturas.

Uma experiência anárquica e comunista como esta incomoda ao Estado italiano que pretende reprimi-la através do despejo. A desculpa é um projeto de recuperação ambiental na área mas a CAS resistirá por todos os meios necessários. Devemos nos solidarizar com a comunidade anárquica para que esta experiência possa continuar produzindo e divulgando a anarquia.

Escrevam se solidarizando para:

CONSTANTINO
CAVALLERI

VIA M MELAS N 24
09040 GUASILA (CA)
ITALIA

MÉXICO : 1º ENCONTRO ANARQUISTA

Convocado por diversos núcleos, realizou-se nos dias 14, 15 e 16 de setembro último, em Ocoatepec, Morelos, o primeiro encontro de anarquistas mexicanos. Este país, que viveu uma profunda revolução de caráter libertário durante toda a segunda década deste século, começa a se apresentar novamente como uma das regiões mais promissoras e importantes para o movimento anarquista latino-americano.

- *A Voz do Trabalhador* - periódico oficial da COB - Confederação Operária Brasileira. Caixa Postal 5036 - CEP 90051, Porto Alegre, RS.
- *Libera... Amore Mio* - boletim informativo do Círculo de Estudos Libertários do RJ. Cx Postal 14576, CEP 22420, Rio de Janeiro, RJ.
- *Jornal Anarquia*, - do Movimento Anarquista de Curitiba. Cx Postal 3395, CEP 82000, Curitiba, PR.
- *Resistência e Ação* - boletim informativo anarco-sindicalista da União Geral dos Trabalhadores (COB/AIT). Cx Postal 7597, CEP 01064 São Paulo, SP.
- *Informativo Punk Libertário* - zine/revista do movimento punk libertário de Belo Horizonte. Cx Postal 2465, CEP 30160, Belo Horizonte, MG.
- *Buracajú* - zine/revista libertária de Serjipe. Cx Postal 615, Aracajú, SE CEP 49000
- *Revista UTOPIA* - Cx Postal 15001, CEP 20155, Rio de Janeiro, RJ.
- *O Bobo da Corte* - jornal de cultura libertária, Rua Félix da Cunha, 1164, 32, Porto Alegre, RS, CEP 90460
- *Counter Information* - imprensa de resistência. Escrever para P/H C.I., c/o 11 Forth Street, Edinburgh, EH1. U.K.
- *Anarkiviu* - boletim Bibliográfico do Arquivo "T. Serra". Via M. Melas, 24 - 09040, Guasila, Itália.
- *El Libertario* - órgão da Federação Libertária Argentina (FLA); Calle Brasil, 1551 - (1154) Buenos Aires, Argentina.
- *O Anarco Punk* - informativo do movimento punk do Rio. Cx Postal 68003, CEP 21944, Rio de Janeiro, RJ.

EL COMUNISMO SE HUNDE IRREMEDIABLEMENTE



EXPEDIENTE

Redação, diagramação, arte-final e revisão:
Grupo MUTIRÃO
Editoração e composição:
ALOE Informática

CORRESPONDÊNCIA:

Caixa Postal 126049
CEP 24240 - Niterói - RJ

OCUPAR, RESISTIR, PRODUZIR

ACÇÃO DIRETA E AUTOGESTÃO SÃO AS FORMAS DE LUTA

Neste ano, até setembro, cerca de 55 mil camponeses realizaram 62 ocupações de terras, em 19 estados do país, segundo o Movimento Sem Terra. Se compararmos com os 40 mil que participaram de ocupações durante o ano passado, podemos ver como os trabalhadores estão praticando, cada vez mais, a ação direta, na luta pela terra.

Em Monte Santo (BA), grileiros tentaram retirar cerca de 500 pessoas do acampamento onde viviam. Dois pistoleiros morreram, baleados por lavradores. Neste estado, 8 pessoas morreram em conflitos de terra, envolvendo 7.700 camponeses.

Em Alagoas, 1.400 pessoas ocuparam a Praça dos Martírios, na capital Maceió e foram levados pelo Governo para uma fazenda, sendo expulsos dali logo depois por 40 jagunços. Neste estado, 4.200 pessoas participaram de 5 ocupações de terras.

No Pará, os camponeses Expedito de Sousa, Mauro Carneiro e Francisco de Sousa foram assassinados a mando dos fazendeiros locais. Aproximadamente 3.750 trabalhadores realizaram duas ocupações no Pará.

Mil e quinhentos trabalhadores realizaram ocupações no Acre, onde quinhentos deles foram expulsos de suas terras por jagunços armados com moto-serras.

No Mato Grosso do Sul 9.500 camponeses coletivizaram cinco latifúndios. 3.000 deles ocuparam a fazenda Itassú, Itaquirai. Sendo expulsos em setembro, o grupo bloqueou a rodovia MS-141 por mais de 12 horas.

Em São Paulo, 4.500 camponeses coletivizaram 2 fazendas, na região de Presidente Prudente.

Nos estados do Sul, cerca de 23.000 trabalhadores realizaram 20 ocupações de terra. Só no Paraná 13 fazendas foram ocupadas em 91, somando-se às 22 outras áreas já em conflitos agrários - fica claro que a tão falada "Reforma Agrária" do Governo não passa de demagogia e mentira e que a ação dos parlamentares na distribuição paternalista de pequenos lo-

tes de terra nas áreas de maior tensão social, serve apenas para vender falsas ilusões e desmobilizar o movimento camponês.

O aumento da organização e participação dos camponeses na luta pela Reforma Agrária através da ação direta é uma resposta popular contra as propostas eleitoreiras e reformistas dos partidos políticos de realizá-la através do Governo.

Fica evidente que a realização de uma profunda transformação da atual sociedade agrária capitalista numa sociedade libertária, socialista e autogestionária é responsabilidade exclusiva dos próprios trabalhadores, utilizando-se da luta autônoma, da ação direta, e baseando-se na solidariedade revolucionária.

ASSASSINATOS POLÍTICOS NO INTERIOR DO RIO DE JANEIRO

O número de assassinatos de ativistas rurais no Rio de Janeiro é bem maior do que se esperaria de um estado que, oficialmente, não conhece conflitos de terra.

Para ilustrar esta prática homicida, publicamos alguns dos mais conhecidos casos:

Genivaldo Gomes Alves, 27 anos, diretor do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Nova

Iguaçu, assassinado em 14 de janeiro de 1990.

João Félix de Aquino, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Nova Iguaçu, em abril de 1991.

Adevanir Pinto Soares, assassinado em Magé, no dia 5 de fevereiro de 1990, por Belarmino Silva.

Francisco Inácio Silva, 56 anos, torturado antes de ser assassinado no dia 18 de março de 1990, em Teresópolis.

Moacir e Carlos Alberto Fernandes, sequestrados de casa no dia 9 de abril de 1990 pelo latifundiário Júlio Avelino, conhecido no município de Vassouras por sua violência. Os corpos dos dois irmãos foram encontrados no dia 13.

Sebastião Lan, morto em 1988, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cabo Frio. Em Cabo Frio aliás morreram mais de dez ativistas rurais só nos últimos oito anos.



ENTREVISTA - Dona Iraci

A agricultora Iraci Rodrigues de Lara, 38 anos, estava entre os 12 sem-terra presos pela polícia militar no confronto do dia 22 de outubro, na fazenda Carrapatinho, município de Garuva (SC). Imagens da TV mostraram ela manejando a foice contra PMs armados. Acabou presa três dias em Joinville.

Dona Iraci é viúva há 15 anos. Tem duas filhas. Começou a trabalhar na roça aos 5 anos, quando o pai morreu. Estudou até a 7ª série. Sobre o conflito, diz que apanhou, sofrendo uma contusão no olho esquerdo com o qual não está enxergando. Já solta, concedeu uma entrevista ao jornalista Domingos Aquino, da qual retiramos estes trechos:

DA - Como é a vida do colono sem-terra?

Iraci - É luta, é morte, é mentira dos governantes.

DA - Por que invadiram a fazenda Carrapatinho?

Iraci - Em junho deste ano ocupamos a fazenda. Um fazendeiro chegou atirando e acabou morrendo. Companheiros nossos ficaram feridos. Acabamos tendo de sair. Voltamos para pressionar o governo a nos assentar.

DA - Já pensou em desistir?

Iraci - Nunca vamos desistir. Ir para a cidade para quê? Para aumentar os ladrões, as favelas e os traficantes? Não queremos nossas famílias neste caminho.

DA - É normal uma mulher participar do conflito?

Iraci - Não só uma, mas todas.

DA - O que sentiu naquele momento?

Iraci - Que podia morrer, mas seria por um bom motivo. A Reforma Agrária só tem saído na base da morte, do sangue.

DA - Como a sra. aprendeu a manejar a foice?

Iraci - Na prática. É assim que a gente faz para roçar o pasto.

DA - O que gosta de fazer quando não está trabalhando?

Iraci - (sorrindo) De conversar e ouvir música. Gosto de dançar nas festas no acampamento.

POR UM MOVIMENTO CAMPONÊS LIBERTÁRIO

As lutas pela Reforma Agrária são antigas no Brasil. No século XIX quando se lutou para liquidar a escravidão negra, exigia-se também, a melhor distribuição de terras. No início dos anos 60 apareceram vários movimentos propondo Reforma Agrária, como: as Ligas Camponesas, Sindicatos de Trabalhadores Rurais, Movimentos de Agricultores Sem Terra, etc.

Em 30 de Novembro de 1964, o governo militar outorgou o Estatuto da Terra. Este foi um instrumento de política agrícola que, desmobilizou os principais focos do movimento camponês. Através do Estatuto foram feitas desapropriações de terras onde as ocupações só poderiam ser detidas com o assassinato em massa dos posseiros. Desta forma, o Estado pode reprimir a todo o restante do movimento no país.

No 3º congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais, as reivindicações foram novamente, postas em questão e de lá para cá o movimento se reforçou e avançou. No início da década de 80, organizou-se o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra que deu um vigoroso impulso à luta pela Reforma Agrária.

A situação dos pequenos produtores é verdadeiramente trágica. Mais de cem mil perderam suas terras no sul do Brasil, entre os anos 1986 e 1987. Os baixos preços dos produtos agrícolas e os altos juros bancários estão liquidando com os pequenos agricultores. Para os que tra-

balham na terra e não têm terra, a vida é terrível. São atualmente mais de 140 mil famílias sem-terra só no Rio Grande do Sul.

Em muitos lugares, como forma de enfrentar a exploração, pequenos produtores formam associações comunitárias, trabalham em mutirão, compram máquinas e insumos em conjunto e vendem seus produtos direto para a cidade.

A REFORMA AGRÁRIA QUE QUEREMOS

A propriedade da terra não se justifica. Ela garante o monopólio de uma minoria sobre o uso da terra. Perpétua a dominação do homem pelo homem.

Lutamos pela eliminação da propriedade para que se garanta o direito social de posse. Propomos a organização de comunidades livres baseadas na coletivização dos meios de produção.

A Reforma Agrária precisa ter como meta:

- 1- Socializar a terra.
- 2- Eliminar a fome e conquistar as melhores condições de vida possíveis para todos.
- 3- O fim da propriedade privada e estatal.
- 4- Promover o fim da grande cidade e a povoação do campo.
- 5- Produzir de maneira equilibrada e ecológica.

Apresentamos aqui um panorama geral da resistência — individual e coletiva — no mundo, ao longo de 1991, a natureza e a reincidência dos crimes contra a humanidade apontam sempre a mesma origem: o sistema econômico capitalista e os governos de todos os tipos. E apesar de tudo, nós — a Humanidade — resistimos.

PORRADARIA NA PRAÇA XV

No dia 24 de outubro realizou-se na praça 15 (centro do Rio) o leilão da empresa estatal Usiminas, no interior do prédio da bolsa de valores do Rio. Esta foi a primeira de uma série de empresas que estão sendo privatizadas pelo governo e "doadas" ao capitalismo internacional e seus testas-de-ferro nacionais.

ção realizada em frente à bolsa de valores. Nós, anarquistas, participamos ativamente do evento, externando não apenas o nosso repúdio à privatização, mas também à conservação das empresas nas mãos do Estado. Defendemos nossas posições pela autogestão e autonomia operária.

Os conflitos se repetiram. A polícia invadiu e cercou a praça enquanto os manifestantes resistiam com pedras. Houve muitas prisões e alguns tiros de escopeta foram dados para o alto pela polícia. No quarto e último conflito, os policiais sitiaram e tomaram a praça. Os conflitos terminaram com inúmeros manifestantes presos, 44 feridos e mais uns 60 policiais feridos. Um manifestante que procurou refúgio na assembleia legislativa foi espancado e atirado do alto da escadarias da mesma pelo deputado "Sivuca" e seus capangas, numa atitude digna do cargo de parasita eleito pelo povo.

Apenas no final de toda a confusão é que um carro de som tocou o hino da Internacional. Durante toda a manifestação as direções pelegas e hipócritas dos partidos de esquerda insistiam com os hinos nacionais aos quais desafiávamos com a Internacional e recebendo logo o apoio de muitos trabalhadores. Esta luta foi divulgada pela imprensa como infantil e nacionalista. Outras privatizações já foram e serão feitas mas os partidecos pararam de se manifestar. Será que é porque as estatais estão sendo vendidas majoritariamente ao capital privado nacional? Talvez os "companheiros" de todos os partidecos de esquerda sejam realmente infantis ao ponto de acreditarem haver alguma diferença entre o patrão nacional e o estrangeiro. A "pátria amada" está não só nos cassetes e nas bombas dos policiais mas estava também na bolsa de valores vendendo o suor e o fruto do trabalho dos operários que não tem preço e nem pátria. Nos sentimos solitários mais uma vez na luta contra o patronato, contra o salarido e, principalmente contra a propriedade, seja ela estatal ou particular. Os meios de produção devem ficar de posse daqueles que neles trabalham e devem ser geridos por aqueles que neles trabalham. Lembremos o princípio anarquista: "Quem não trabalha, não come."

NICARAGUENSES TOMAM FÁBRICA

A polícia nicaraguense reprimiu com bombas de gás lacrimogênio as manifestações de operários em Granada, a 46 km de Manágua, capital. Um grupo de 50 trabalhadores tomou uma fábrica de sabão e cosméticos e, decididos a resistir, se prepararam para enfrentar a polícia com uma mistura explosiva de glicerina e ácido clorídrico, caso tentassem retomar o local. As reivindicações dos operários — estabilidade trabalhista, respeito às decisões do sindicato e 300% de aumento — são apenas o básico,

o indispensável a qualquer trabalhador. Entretanto ainda é pouco quando se conclui que os trabalhadores são os únicos produtores das riquezas do mundo, e que a única maneira de nos livrarmos da sujeição ao capital e ao Estado opressor é pela autogestão operária e pela autonomia assembleísta.

Que fique registrado aqui a coragem e a dignidade destes operários nicaraguenses. Servem de exemplo a todos os trabalhadores.

MILITANTE ANARQUISTA PRESO HÁ 17 ANOS NOS EUA

John Perroti foi preso em 1974 pelo roubo sem violência de sete dólares. Ele é advogado de cadeia e ativista da AIT. Sua pena tem sido continuamente aumentada por causa de seu ativismo na prisão — a organização de uma união de presos e lutas por seus direitos, muitas delas bem sucedidas. Recentemente John teve um papel importante na proibição do uso de mangueiras de alta pressão nos prisioneiros. Em 1988 ele foi enquadrado pelo esfaqueamento de outro prisioneiro. Nesta época, ele estava trançado numa solitária onde passou a maior parte de

sua sentença até agora. Mesmo assim foi levado à julgamento algemado nos pés e nas mãos e rodeado de guardas. Foi sentenciado a mais 12 a 15 anos a despeito do fato de outro prisioneiro haver confessado o crime em corte aberta. Perdeu sua primeira apelação gratuita e agora faz-se uma campanha para ajudá-lo. Podemos nos solidarizar com John mandando cartas para:

JOHN PEROTTI
MANCI A167712
POB 1368
MANSFIELD
OHIO 44901 - EUA

TORTURA NA TURQUIA

Mais de 200 presos políticos recolhidos à penitenciária de Eskisehir, na Turquia, iniciaram uma greve de fome para protestar contra as torturas ali praticadas.

O protesto, iniciado em 16 de novembro, foi denunciado pela Anistia Internacional, demonstrando que a prática de torturas continua sendo utilizada em larga escala pela repressão estatal, sob absoluta tolerância e conivência dos ditos países democráticos.

Não devemos ter qualquer ilusão diante desta falsa liberdade democrática que continua perseguindo duramente as atividades políticas não permitidas pelo Estado.



A repressão se atralha com o gás lacrimogêneo.

A "festa" de privatização — como a imprensa burguesa tem vendido estes leilões — foi prejudicada por uma manifesta-

A manifestação começou às 10:00h e decorreu pacificamente até às 12:30h, quando iniciou-se uma série de conflitos que se estenderam pela tarde inteira. Os manifestantes tentaram derrubar o cordão de isolamento feito pelas tropas de choque do governador "socialista", o fascista Brizola. A polícia começou espancando um homem e a reação foi imediata: uma chuva de pedras. Bombas de efeito moral e gás lacrimogênio, atitude porca e covarde da democracia fascista, mas os manifestantes resistiram.



A covardia policial no leilão da USIMINAS.



COMUNIDADES NOS EUA CONTRA O FECHAMENTO DE PARQUES

No leste e no oeste dos EUA o povo luta contra o fechamento de parques públicos.

Em 27 de maio deste ano, no Baixo Lado Leste de Manhattan, Nova York a polícia provocou deliberadamente uma noite de conflito violento ao assaltar brutalmente duas pessoas nos arredores do Tompkins Square Park. O parque, um centro de atividades culturais e políticas e refúgio para mais de 150 pessoas sem teto foi também cenário de conflitos de 1988 e 1990.

Em 3 de Junho, utilizando como desculpa as semanas anteriores de enfrentamentos, mais de 400 soldados de choque invadiram o parque fechando-o indefinidamente e expulsando os sem-teto. A área está sob ocupação policial desde então e grande parte do parque foi demolida. Sua destruição é parte de uma campanha que visa expulsar a comunidade de trabalhadores politicamente ativa do Baixo Lado Leste para dar espaço aos ricos. Os residentes locais respondem à ocupação com ação direta e manifestações diárias e vigílias que envolvem milhares de pessoas.

No oeste, o Parque do Povo em Berkeley, Califórnia tem servido à um papel similar ao do Tompkins Square Park por mais de 20 anos. Foi criado originalmente pela comunidade local e teve que ser defendido fisicamente das autoridades em muitas ocasiões.

PRESOS POLÍTICOS NO CHILE

A polícia chilena reprimiu violentamente, no dia 12 de novembro, centenas de manifestantes que tentavam chegar até o Palácio de La Moneda, em Santiago, para exigir a liberdade dos presos políticos do regime Pinochet, ainda detidos pela "democracia" chilena.

Soldados da tropa de choque de carabinieri lançaram potentes jatos d'água contra os manifestantes que se dirigiam à sede do Governo, em pleno centro da capital.

O protesto foi convocado por familiares dos presos e por organizações humanitárias, após quatro presos políticos completarem 44 dias de greve de fome, no Hospital El Salvador, em Santiago.

Agora a Universidade de Berkeley está tentando iniciar a destruição do parque construindo quadras de voleibol sobre parte dele. Mesmo antes do início das obras os planos foram combatidos com uma ocupação da camara municipal e o impedimento de cerimônias de início de obras, por um grande número de pessoas.

O início das obras em 31 de julho detonou quatro noites de conflitos. Centenas de pessoas foram presas ou feridas mas os protestos continuaram com manifestações pacíficas e ação direta. Em 7 de setembro os manifestantes arrancaram a superfície das quadras e derrubaram as cercas em volta delas, o que acarretou em mais 4 prisões.

Fonte: The Shadow, Nova York

MASSACRE EM TIMOR LESTE

Mais de cem pessoas foram assassinadas pelas forças militares do Governo da Indonésia, em Dili, capital da província de Timor-Leste, onde foram mortos, no início de novembro, mais de 100 civis - o dobro do que diziam as primeiras informações.

As tropas abriram fogo quando milhares de pessoas participavam de um protesto contra o assassinato de um dirigente opositor, ocorrido duas semanas antes.

O português hoje é um idioma ilegal nesta ex-colônia portuguesa, dominada pela Indonésia.

CALANGO VERDE, VAGABUNDO E COVARDE

O cabo do exército, Agnaldo Bispo de Jesus, 23 anos, que estava de sentinela no quartel de Mont Serrat, em Salvador, BA, na madrugada de 24 de outubro, matou a queima roupa com um tiro de fuzil a estudante Adriana Oliveira e Silva, de 22 anos. Adriana, que teve um rim atingido, estava com o namorado e mais três amigos. Segundo testemunhas, os garotos passaram pelo cabo e apenas o chamaram de "calango verde" e "vagabundo", o que em hipótese nenhuma justificaria a atitude covarde do militar.

O grupo permaneceu perto da praia de Mont Serrat e, ao retornar, passou em frente ao quartel. O carro onde estava Adriana foi interceptado pelo cabo, que disparou contra a menina. Adriana foi levada para o Hospital Geral da Bahia mas não resistiu à operação. O delegado que investiga o caso procura beneficiar o cabo alegando que "pode ter havido imperícia", isto é, foi sem querer...

CARTA AOS HOMENS E MULHERES LIVRES

Dia 17 de agosto de 1991, foi detido e preso, pela polícia de Barcelona, o companheiro anarquista Gerardo Casanova Ferre. Acusado de ter queimado uma bandeira espanhola, em abril de 1983 (durante manifestação pública).

A "justiça" espanhola, julgou e condenou Gerardo à 6 anos e 2 meses de prisão. No cárcere Modelo de Barcelona. O advogado de Gerardo recorreu a sentença, apresentando uma petição de indulto e suspensão da condenação ao Supremo Tribunal, mas até este instante (19/09/91), nada foi apreciado.

Diante de tudo isto, é necessário e urgente desencadear ações de solidariedade com o camarada Gerardo, enviando cartas e/ou telegramas de protesto à Embaixada espanhola, pedindo a libertação imediata de Gerardo.

Endereço da Embaixada da Espanha:

A/C do embaixador da Espanha no Brasil Herman Veintmilla Salcedo
SES, Av. das Nações, lote 44 CEP 70429 Brasília - DF

Para enviar mensagens a Gerardo escrevam para:

GERARDO CASANOVA FERRE C.P. BRIANS
Aptdo. Correos 500 08760 Martorell (Barcelona) ESPANHA

OBS.: Aos que escreverem à Embaixada, nos enviem cópias ou comuniquem-nos para que possamos divulgar.

LIBERDADE JÁ PARA GERARDO! SOLIDARIEDADE COM GERARDO!

NA ESPANHA NO BRASIL, O MESMO INIMIGO, O MESMO COMBATE!

Fonte: Agência de Noticias Anarquistas

ESTUDANTES GREGOS ENFRENTAM POLICIAIS



Rebelião estudantil em Atenas

Depois de uma marcha pelo centro da cidade, estudantes gregos enfrentaram a polícia nas ruas de Atenas, atirando pedras e promovendo muita confusão, tendo como estopim da agitação a reivindicação de mais verbas para o ensino. A polícia reagiu com bombas de gás e dispersou a manifestação, enquanto dezenas de

estudantes e policiais eram atendidos com ferimentos nos hospitais.

O movimento estudantil na Grécia vem crescendo e se radicalizando progressivamente, na medida que o país vai se integrando à Comunidade Econômica Européia e a todo o capitalismo internacional.

Será esta a tão cantada "função social" das Forças Armadas? É esta a glória da carreira militar que tanto anunciam? Ato abomináveis e covardes como este, injustificável sob todos os pontos de vista, são mais comuns do que pode parecer, só

que não chegam ao público com a devida frequência.

Insistimos que a única função das Forças Armadas é a manutenção dos privilégios das classes parasitas, através dos seus crimes de lesa-humanidade.

BRITÂNICOS LUTAM CONTRA IMPOSTO OBRIGATÓRIO

A **poll tax** (taxa de votação) é um imposto anual obrigatório a toda a população adulta da Grã-Bretanha. Oficialmente, apenas dois terços da população pagou o odiado imposto até junho de 91. Na Escócia, o Estado havia recolhido até o meio do ano apenas metade do que gostaria ter arrecadado. Os que se recusam a pagar são ameaçados de prisão por até 3 meses.

Até o meio de setembro, 70 pessoas foram presas. Mas a maioria dos não pagantes simplesmente não comparece às audiências onde seria ordenada a prisão e então o Estado faz mandatos de detenção que se não forem entregues pessoalmente aos indivíduos estes se mantêm livres.

A resistência anti **poll tax** está atingindo potencialmente o coração da lei capitalista. Estão sendo feitas várias manifestações pela libertação dos não-pagantes da

taxa e cresce o número dos que aderem ao movimento. A desigualdade e a exploração são mantidas somente pelo medo das forças policiais e da prisão. Mas quando resistimos juntos, as autoridades nos temem...

Junto com a luta contra a taxa de voto começam a ser levantadas outras bandeiras. A luta anti **poll tax** está sendo bem sucedida por estarem as massas envolvidas em uma organização descentralizada e solidária, por estar baseada na ação direta e independente de partidos políticos. A partir desta luta, começam a surgir propostas por uma auto-organização da classe trabalhadora.

Esta luta em andamento lá no norte nos mostra o efeito positivo da auto-organização solida



mente quando nos organizamos da desobediência civil. Pois é somente quando nos organizamos em igualdade e sem hierarquia que

poderemos lutar com eficácia contra a desigualdade e a opressão do Estado capitalista.

fonte: Counter Information, Escócia

BARRICADAS INTERROMPEM AVENIDA BRASIL

No dia 13 de novembro moradores da margem direita da Av. Brasil, na altura da Rua Bela, São Cristóvão Zona Norte do Rio, protestaram contra o assassinato de um operário de 25 anos por policiais.

Indignados, os moradores responderam de imediato à covardia policial: fecharam a estrada usando barricadas, iniciando assim uma violenta depredação de automóveis e ônibus, com um saldo de 30 detidos, inclusive o presidente da associação de moradores local. Seis policiais saíram feridos. O conflito foi dispersado a tiros pela tropa de choque.

Este tipo de conflito já está se tornando comum nos bairros operários do Rio de Janeiro. Revoltas espontâneas surgem como forma de resistência contra a opressão e tirania armada do Governo, atingindo às vezes pessoas não envolvidas diretamente com a questão.

Até quando o povo sofrerá submisso a violência do Estado? Enquanto uma proposta clara de sociedade igualitária e autogerida não for popularizada e amadurecida pelos movimentos sociais, atos de insurgência coletiva como este acabam se perdendo como oportunidade de prática revolucionária.

EMPRESÁRIOS FINANCIAM CUT

A CUT realizou no início de setembro, de 91, em São Paulo, seu 4º Congresso, o CONCUR, evento que custou a fortuna de Cr\$ 600 milhões.

O empresário Vágner Canhedo, dono da Vasp, doou alguns milhões de cruzeiros a Meneguelli, em descontos nas passagens aéreas e em troca a empresa aérea pôde colocar um terminal de emissão de reservas e passagens, no local de realização do congresso, monopolizando o transporte dos cutistas. Bom negócio.

O aluguel do luxuoso Palácio das Convenções do Anhembi, cerca de Cr\$ 30 milhões, foi bancado pela prefeitura de São Paulo, do PT, que ainda ofereceu o centro olímpico do Ibirapuera, para alojamento dos congressistas. Mas, é claro, a militância cutista não poderia ficar em "simples" alojamentos. A CUT firmou um acordo com o Sindicato Patronal dos Hotéis de São Paulo, para receber os "revolucionários".

Vários governantes também participaram da feira: Fleury (PMDB/SP) com Cr\$ 15 milhões, Auceu Colares (PDT/RS) compareceu com Cr\$ 12 milhões, Roberto Requião (PMDB/PR) com outros doze. O BANESPA - uma das empresas confrontadas pelos cutistas bancários na greve de setembro, também entrou com vários milhões de cruzeiros (parte da verba des-

tinada à propaganda de boa imagem do banco).

Toda esta rifa milionária feita com o movimento operário não impediu que a CUT cobrasse Cr\$ 70 mil cruzeiros de inscrição de cada um dos congressistas.

O CONCUR em si foi aquela falcatura de sempre: sociais-democratas e ditadores do proletariado se degladiando na arena pelo controle sobre os trabalhadores, indiferentes e alheios aos reais problemas de quem vive de salário.

Não pretendemos entrar em polêmicas de administração financeira. Fazemos apenas um veemente protesto contra a fragilidade e a humilhação feita com o movimento operário, que precisa mendigar esmolas dos seus próprios e mais poderosos opressores para realizar um simples congresso, e ainda censuram economicamente a participação popular com uma inscrição de mais de três salários mínimos, na época.

Fazemos este protesto com a moral de quem já realizou congressos operários explicitamente revolucionários, ainda no início do século, quando não existiam aviões, nem transporte desenvolvido, nem telefone acessível, nem sindicatos milionários, e quando a luta sindical era tratada como um caso de polícia.



O MUTIRÃO página 6

INDÚSTRIA DE ARMAS GERANDO FOME

Quebrada e com uma dívida de 450 milhões de dólares (cerca de 450 bilhões de cruzeiros) a Engesa - Engenheiros Especializados S.A. - indústria de armamentos e artefatos de guerra, está para receber uma nova injeção de recursos do Governo Federal.

Em 1985 a Engesa tenta, desastrosamente, entrar no mercado de tanques pesados. O projeto do Osório consumiu 50 milhões de dólares. Apenas com testes realizados no deserto saúdita foram gastos 700 mil dólares, ou 2.500 dólares por tiro (mais ou menos o custo de uma casa). O projeto foi um fracasso e o Osório nunca chegou a ser vendido a alguém.

Em 1986, já com dívidas de quase US\$ 250 milhões, a empresa vê suas vendas para o Oriente Médio declinarem bastante. Em 1987 é armada uma operação de socorro no valor de US\$ 165 milhões, dos quais US\$ 100 milhões viriam do Banco do Brasil e US\$ 65 milhões do BNDES. Em 1988 o Exército compra 52 helicópteros de uma das empresas da Engesa, a Helibras, como forma de socorro, no valor astronômico de US\$ 300 milhões.

Em 1989, sob a desculpa de "preservar o patrimônio tecnológico", a Imbel, fábrica de material bélico do Exército, comprou por US\$ 5 milhões o acervo tecnológico da Engesa, como desenhos de jipes, caminhões e blindados, que hoje estão valendo menos que a metade do que foi pago, engavetados sem qualquer utilidade.

Em 1990, nova injeção de recursos é feita pelo Exército à Engequim, subsidiária da Engesa, fabricante de munição. A empresa vendeu ao Exército quatro tornos por US\$ 4 milhões. Em março de 1990, a Engesa pede concordata, ainda atolada em dívidas.

Este ano o Governo monta uma grande operação de saneamento financeiro no criminoso valor de US\$ 450 milhões e negocia a venda da Engesa com grupos internacionais.

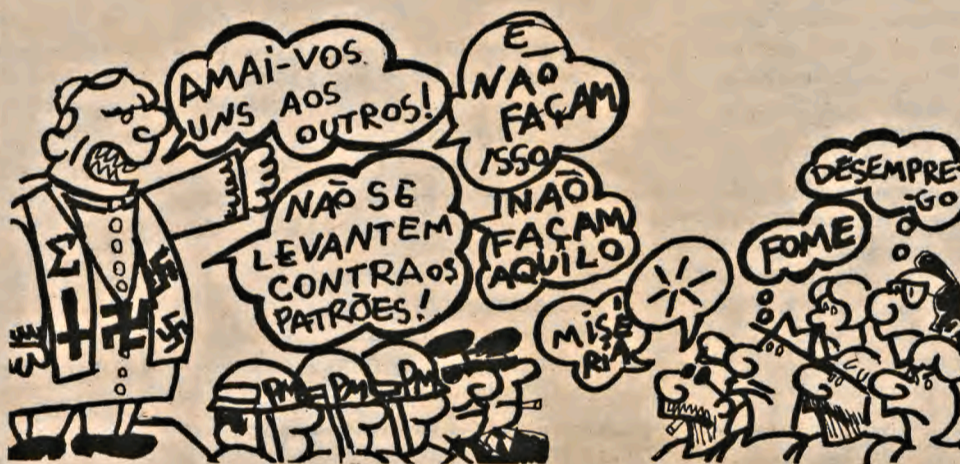
A empresa deve, entre outras coisas, 81 milhões de dólares ao Tesouro Nacional, 80 milhões em impostos atrasados à Receita Federal, 10 milhões ao Banco do Brasil, 30 milhões ao BNDES e 14 milhões a ex-empregados. Desde março de 1990 não produz um único parafuso.

Com a própria Secretaria de Assuntos Estratégicos (antigo SNI) mobilizada para socorrer a empresa, o Governo Federal pretende estatizá-la parcialmente, comprando-a para a Imbel, perdendo totalmente a dívida com o Tesouro Nacional, para ainda ter que, já estatizada, saneá-la financeiramente.

Assim, seu dono e presidente José Luiz Whitaker Ribeiro sai de toda esta podridão como se nada tivesse acontecido, sem dívidas, pronto para outras aventuras.

O Governo Federal, que privatizou a lucrativa e útil USIMINAS, estatiza este terrível saco sem fundo que já consumiu bilhões de cruzeiros com suas experiências irresponsáveis.

A indústria bélica é um tumor social, uma parasita que suga o fruto do nosso trabalho, impondo-nos miséria e fome, enquanto produz (quando consegue) arsenais gigantescos de destruição que só servem para ampliar os poderes dos ditadores tiranos e enriquecer os empresários da guerra.



DITADOR CATÓLICO VISITA SUA PRINCIPAL COLÔNIA

Karol Wojtyla, vulgo João Paulo II, esteve recentemente no Brasil, preocupado com os interesses do Vaticano e com a política interna da Igreja Católica dividida entre uma maioria conservadora e uma pequena corrente reformista, reunida em torno da Teologia da Libertação.

A visita deste teocrata demagogo, que posa de "salvador" e de "cristão igualitário", custou ao povo já carente a faraônica fortuna de 8 bilhões de cruzeiros. Só em Alagoas foram três bilhões gastos numa visita de apenas três horas. Um dinheiro roubado da população sem o menor pudor para financiar os espetáculos arrogantes e a futilidade luxuosa do clero que humilha as multidões miseráveis.

Quantos benefícios sociais poderiam ter sido realizados com esta fortuna? Quantas crianças que morreram desnutridas poderiam ter sido salvas com o dinheiro gasto pela população para financiar os caprichos do Papa e sua corja de parasitas? Mas nem a Igreja, nem o Estado têm interesse e competência para satisfazer as necessidades da população.

O QUE WOJTYLA VEIO PREGAR?

1. A indissolubilidade do casamento. Um contrato oficial que submete a mulher ao autoritarismo machista do "chefe de família". A união entre seres humanos deve ser livre, voluntária e durar o tempo que bem entenderem.

2. A auto-repressão sexual e o moralismo hipócrita e discriminatório. Culpa a liberação sexual de proliferar a AIDS - na verdade uma consequência trágica das más condições sociais provocadas pelo capitalismo. Condena os preservativos, o livre planejamento familiar e, sobretudo, o homossexualismo. Em resposta o grupos homossexuais de Salvador efetuaram protesto público contra a visita indesejada do Papa distribuindo milhares de "camisinhas" e celebrando o casamento de 12 homossexuais.

3. A submissão dos camponeses em proclamação cega sob a batina dos padres. Ditam onde, quando, como e o quanto lutar pela terra, regulando o movimento camponês com rédeas curtas. Administram a revolta e o ímpeto popular dentro dos limites suportáveis e "democráticos" para o capitalismo agrário. A Igreja é uma grande latifundiária, que possui - segundo o INCRA - 178 mil hectares de terra, em 1268 imóveis rurais de sua propriedade em todo o Brasil.

4. A necessidade de mais padres a serviço do Vaticano. A concorrência com as seitas evangélicas, em franca expansão, começa a abalar as arcaicas estruturas hierárquicas do clero católico.

5. A evangelização eurocêntrica dos Povos indígenas - que possuem suas próprias concepções religiosas - dando prosseguimento a um genocídio ininterrupto e a um confisco criminoso de suas riquezas.

6. A beatificação da irmã Paulina, primeira santa nacional, o que irá enriquecer a mitologia católica e ajudar a sugar o dinheiro dos fiéis.

7. Finalmente, agradecer à colaboração do arquiteto Oscar Niemeyer, membro da seita pagã leninista-stalinista, por ter projetado um altar-monumento de míseros 270 milhões de cruzeiros - roubados novamente do povo. Isto é que é "comunista" ...

Por todas essas patifarias, obscurantismos e mediocridades, denunciemos o império clerical e propomos a sua derrubada.

O PROCESSO INDIVIDUAL DE LIBERTAÇÃO

Em nosso cotidiano de ação e debate em grupo, muitas vezes nos deparamos com situações desgastantes de discussão conflituosa. Por vezes chegamos a questionar o caráter de camaradas de luta. Outras nos martirizamos por nossos próprios deslizes dos nossos códigos de ética individuais.

O sistema nos impõe e implanta uma regulação que não é espontânea. Não basta dizer que somos libertários para o sermos totalmente de uma hora para outra. Tomamos consciência disto, o que nos leva a uma ação: a ação indi-

vidual contra esta lei implantada pelo sistema em nós através da educação, dos hábitos culturais, etc.

É um trabalho de auto-disciplina e auto-crítica diárias e conscientes. E, ousamos afirmar, um trabalho de libertação que nunca se completa. É um constante superar de emoções contraditórias, de atitudes assustadoras que temos. E é justamente nos pequenos conflitos verbais que temos, é ao ouvir com mente aberta a crítica de camaradas amigos, que crescemos e nos damos oportunidade de nos conscientizar e partir

para uma auto-disciplina libertadora. É ao compartilhar com aqueles em quem confiamos intimamente as nossas tensões e angústias, nossos medos e impulsos nossa carga emocional. Com a ajuda mútua crescemos juntos. Compreendendo o processo de libertação individual de cada um e solidariamente nos apoiando que multiplicamos nossas potencialidades.

Da libertação individual depende a libertação coletiva e só há real libertação coletiva quando conseguimos, muitas vezes com dor (como quando expre-

memos furúnculos), expulsar de nossos corpos as mãos pesadas do sistema que nos seguram, castram e to-lhem.

É no trabalho coletivo autogestionário que o indivíduo encontra possibilidades de desenvolver ao máximo suas potencialidades. Vamos nos conscientizar e praticar a auto-disciplina. Nossa liberdade individual só depende de nosso trabalho de ajuda mútua e do nosso desejo interno de libertação. A hora de começar é agora.

MENOS 'TIERRA Y LIBERDAD'

Em novembro de 91 o presidente do México Carlos Salinas de Gortari, propôs ao Congresso uma série de reformas constitucionais que permitirão o desmantelamento de uma das mais consagradas instituições da Revolução Mexicana: as fazendas comunitárias ou "ejidos" (leia-se erridos). Estes núcleos comunitários, tradição de origem indígena e espanhola, são uma porção de terra de uso comum situada geralmente ao redor dos povoados e que, pelo menos teoricamente, deveriam proporcionar sustento a estes. Hoje no México, metade das terras cultiváveis pertencem a 28.000 ejidos, mas no passado, a coisa era bem diferente.

Até a metade do século XIX, o principal problema agrário mexicano consistia nas gigantescas extensões de terras pertencentes ao Clero, sem qualquer tipo de aproveitamento. Constituíam enorme riqueza estancada, sem nenhuma ou quase nenhuma circulação, exemplos clássicos de latifúndios improdutos.

Em 1856, o governo liberal de Benito Juarez baixou uma lei que obrigava a Igreja a arrendar suas terras a terceiros, lei ratificada pela Constituição de 1857. Daí em diante, o Clero fomentou junto aos conservadores, uma guerra civil que durante 11 anos custou a vida de milhares de pessoas. Os liberais saíram vitoriosos, mas as leis anteriores a guerra e subsequentes a ela, influíram de modo decisivo numa tremenda concentração territorial nas mãos dos poderosos "terratenientes", os grandes latifundiários.

Muitos ejidos e pequenas propriedades desapareceram até o início deste século, fazendo com que milhares de camponeses se oferecessem como peões nas grandes fazendas. Como a oferta de mão-de-obra era enorme, os peões e suas famílias viviam em regime de semi-escravidão, ganhando o suficiente para não morrerem de fome, e a cada dia se endividando mais nas odiadas "tiendas de raya" (armazéns das fazendas, que vendiam os produtos a preços exorbitantes). Essas dívidas passavam de pai para filho, e prendiam os camponeses por gerações ao mesmo latifúndio.

A situação após 38 anos de ditadura do general Porfírio Díaz ficou insustentável, a miséria entre o povo e a acumulação de riquezas entre uns poucos chegou a níveis talvez nunca vistos na história humana. E explodiu a Revolução! O grito de "TERRA E LIBERDADE!" levantado primeiramente pelo anarquista Ricardo Flores Magón e seus companheiros, e posto em prática pelo líder guerrilheiro Emiliano Zapata e os camponeses do Estado de Morelos (sul do país), foi ouvido em todo o mundo.



Revolucionários Mexicanos: "A revolução é um momento, o revolucionário todos os momentos."

Centenas de milhares de trabalhadores rurais e urbanos morreram em quase 10 anos de luta. As grandes fazendas foram expropriadas "na marra" durante o processo revolucionário, e a Constituição de 1917 oficializou a Reforma Agrária.

Hoje, setenta anos após o término da maior e mais sangrenta revolução ocorrida na América Latina, a "Nova Ordem Econômica Mundial" ameaça uma de suas mais importantes conquistas. De acordo com as reformas propostas pelo "Collor de sombrero", serão garantidos títulos individuais sobre as terras dos ejidos, o que permitirá aos camponeses fazer o que quiserem com seus lotes - até mesmo ven-

dê-los. No século passado, nas infelizes leis liberais, foram fracionados os ejidos entre os camponeses, e o resultado foi a compra destes pelos latifundiários. Em 1991 repete-se a história!

Estados Unidos, Canadá e México estão negociando um tratado de livre comércio, e a agricultura é uma área particularmente sensível. Fica claro que o Governo Mexicano, para poder competir com seus "parceiros", pretende entregar a maior parte das terras nas mãos de grandes empresas agrícolas.

E para onde irão os camponeses? Para as já inchadas cidades? É certo que a estrutura da maior parte dos ejidos é arcaica,

visando apenas uma subsistência mínima (mas digna) de seus trabalhadores. Mas as fazendas comunitárias fixam as pessoas no campo, e com um maior apoio técnico e econômico poderiam gerar um excedente de produção considerável. O Capitalismo muda sua forma, mas seus princípios de desrespeito a vida humana continuam eternamente os mesmos.

GRUPO ANARQUISTA
JOSÉ OITICICA - GAJO



O sentimento nacional, que até aqui tinha sido considerado como algo nobre e belo, transformou-se numa espécie de sífilis espiritual, que devorou o cérebro e escarnece com um ódio demencial, através das órbitas vazias'

Carl Nielsen